Colegas e camaradas,

Dirijo-me ao X Congresso da FENPROF na qualidade de delegado sindical, porque **os tempos que se avizinham nas escolas, e para os professores, voltam a ser para arregaçarmos as mangas e voltar à luta.**

Nos últimos meses houve quem, entre os professores, admitisse que as condições políticas se tinham alterado substancialmente, permitindo que fosse possível, à mesa das negociações, inverter os erros cometidos pela anterior equipa ministerial e inaugurar uma era de novas políticas públicas na educação.

Ao contrário do que era aconselhável, a vigilância e a combatividade dos professores diminuíram de intensidade.

É certo que manter níveis de mobilização idênticos aos de 2008 e 2009, por parte da maioria dos professores, seria uma tarefa de duvidoso sucesso. **Mas a nossa tarefa, enquanto activistas sindicais nas nossas escolas, no contacto quotidiano com os colegas, poderia ter sido mais acutilante e esclarecedora, evitando que alastrasse um discurso anti-sindical que é mais uma dificuldade para a nossa acção, além de ser de extrema injustiça, sobretudo no que à acção da FENPROF diz respeito.**

De facto, durante todo o consulado de Maria de Lurdes Rodrigues, Jorge Pedreira e Valter Lemos, o papel da FENPROF foi determinante, não só para minimizar muitas das malfeitorias do anterior governo, mas, sobretudo, para lançar as bases que permitiram retirar a maioria absoluta ao PS e abrir uma janela de esperança para a escola pública e para os professores.

Hoje, nas escolas, ouvimos um discurso de descrença de muitos dos nossos colegas, alimentado por alguns despeitados, que nas caixas de comentários dos blogues (e nalguns casos como autores/editores desses blogues, a quem a comunicação social dá protagonismo) se

entretém a criticar os sindicatos (com alvo preferencial na FENPROF e no seu secretário-geral), fazendo o frete não só ao governo, mas também a todos quantos, à direita, ambicionam destruir o sindicalismo de classe e a sua postura combativa.

Infelizmente, por vezes, também entre nós se ouvem vozes de desistência e de descrença na luta. É algo que é inaceitável, não só porque nos faz sermos menos combativos, mas porque essa postura, mesmo que de forma imperceptível e não desejada, acaba por se transmitir aos colegas com quem convivemos nas escolas, diminuindo a possibilidade de os mobilizarmos para a luta e para a intervenção cívica.

É contra esta situação que temos que combater quando, na próxima segunda-feira, regressarmos ao nosso posto de trabalho: a sala de aulas e a sala dos professores.

É aí que vamos ganhar mais esta guerra para que o governo de Pinto de Sousa e Teixeira dos Santos nos empurram. (Sem esquecer que, nesta guerra, Isabel Alçada e Alexandre Ventura têm a responsabilidade de se terem disponibilizado a fingir que a política ia mudar).

- Com a mesma combatividade de que a FENPROF, e os sindicatos que a integram, deu provas ao longo da anterior legislatura, **é hora de dizermos à ministra da Educação e ao seu SE que BASTA!** (Se não têm o sobressalto cívico que os faça resignarem aos cargos governamentais que ocupam, sem os poderem exercer devido aos constrangimentos impostos pelo ministro da Finanças e pelo 1º ministro, então **serão os professores, sob a liderança da FENPROF, quem deve exigir a sua demissão imediata**).
- Mas também com a firmeza e a combatividade que demonstrámos frente a Maria de Lurdes Rodrigues, num

contexto de total desrespeito pelos direitos dos professores e dos seus sindicatos representativos, de que ficou o exemplo da resistência permanente da FENPROF, desde o 9º congresso, aos ataques violentíssimos que o governo fez à nossa classe.

Essa resistência culminou com uma participação muito significativa dos professores e dos outros funcionários das escolas na manifestação da Frente Comum, em Novembro de 2007, que foi um primeiro passo que conduziu às extraordinárias mobilizações das manifestações de 8 de Março e de 8 de Novembro de 2008, ambas com mais de 100.000 professores a inundarem Lisboa, seguidas de duas enormes greves que pararam as actividades lectivas de norte a sul do país.

Essa resistência e os números significativos de participação e adesão às vigílias nas capitais de distrito, às manifestações nacionais e às greves, foram o fruto de um trabalho sindical consequente, mas também de uma procura de unidade e colaboração com todos os professores, consubstanciada na Plataforma Sindical.

Também aí a intervenção da FENPROF foi determinante. Com o saber da experiência de muitas lutas feitas, mas também com a humildade de reconhecer que todos os professores não eram demais para combater a ofensiva do governo, a FENPROF soube manter a unidade da Plataforma até à derrota de Maria de Lurdes e da sua equipa.

É esse, de novo, o caminho que temos que trilhar:

- **Voltar a ser persistentes e determinados na luta;**
- **Reanimar a capacidade de diálogo com todos os colegas, de forma a fortalecer a unidade e recuperar para a luta os que descrêm;**
- **Acreditar que só na luta se forjam as vitórias, porque quem não luta sai sempre derrotado.**

É com essa luta que vamos conseguir, finalmente, derrotar a direita que está instalada no governo, mas também a que se prepara para a substituir. Porque não queremos saltar da frigideira em que nos fritam a política neo-liberal do PS, para o lume em que nos quer assar a política ultra-liberal do novo PSD que aí está.

Abaixo as políticas da direita!

Viva a Luta dos Trabalhadores Portugueses!

Viva a Luta dos Professores!

Viva a FENPROF!